



## Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição

Edvaldo Balduino Bispo (UFRN)

RESUMO: Neste artigo, analiso as estratégias de relativização (padrão, cortadora e copiadora) em *corpus* diacrônico do Português Brasileiro (PB) na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. Verifico a frequência de uso de cada uma das relativas em diferentes sincronias, objetivando identificar fatores que condicionem a recorrência a uma ou a outra estratégia. Considerando uma abordagem quantitativa e qualitativa do fenômeno investigado, constatei que o emprego dessas estratégias é motivado por aspectos de natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática.

Palavras-chave: orações relativas; linguística funcional; motivações sociointeracionais e cognitivas.

### Introdução

Pesquisas linguísticas que tomam por base a língua em uso efetivo contribuem significativamente para a descrição e a explicação de variados fenômenos linguísticos e trazem à tona diversas motivações semântico-cognitivas e pragmático-discursivas neles implicadas. Investigações assim orientadas reconhecem que fatores de natureza comunicativa/interacional e cognitiva desempenham papel relevante na organização estrutural das diferentes construções linguísticas. Em outras palavras, isso equivale a admitir que há, de algum modo, uma motivação entre forma e função, de sorte que a codificação linguística de determinadas estruturas tem a ver com as funções que elas desempenham e se relaciona diretamente aos propósitos que se quer alcançar na interação discursiva. É nesse sentido que se justifica a relevância e até necessidade de estudo da língua em situações de comunicação efetiva.

Circunscrito nesse contexto, investigo, neste trabalho, as estratégias de relativização no Português Brasileiro (PB) em perspectiva histórica, numa abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Considero, para isso, tanto as relativas canônicas (com ou sem preposição), conforme ilustradas em (1) e (2), quanto as não-padrão (copiadora e cortadora), exemplificadas em (3) e (4).

- (1) ... o futuro do país... pô... quem faz... entendeu? somos nós... porque nós é que... botamos as pessoas... **em quem nós confiamos** lá... entendeu? só que::... não sei o que acontece... sabe? eles... prometem mundos e fundos... (*Corpus D&G/Rio de Janeiro*, informante 4).

- (2) pode... (poderia) me lembrar do:/ de um amigo meu... e ele::... me contou/ e ele é uma pe... uma pessoa assim... **que expressa muito pouco assim o:/: a parte... artística dele...** né? em termos de... de escrita... (*Corpus D&G/Niterói*, informante 1).
- (3) ... aí cada vez que minha ... tinha uma amiga minha ... tem uma amiga minha **que ela nunca teve um namorado na vida dela** ... nunca ... nunca teve ... (*Corpus D&G/Natal*, p. 355)
- (4) ... deixei minhas malas num lugar seguro lá na rodoviária ... no porta-malas ... lógico ... e ... fui com/ tomar um café merecidamente ... um bom café ... comi tudo **que tinha direito** ((riso)) (*Corpus D&G/Natal*, p. 101).

É possível notar que, em (1), a oração destacada corresponde à estratégia padrão de construção relativa em ambiente preposicionado, ou seja, aquela em que o termo relativizado é regido por preposição (no caso, o complemento preposicionado de *confiamos*). Em (2), a oração em destaque, também canônica, apresenta o relativo em função subjetiva (não preposicionada, portanto). No caso de (3), o antecedente do pronome relativo é copiado na oração relativa por meio do anafórico correferente *ela*, daí a designação copiadora. Por fim, (4) exemplifica a situação em que se dá a supressão/ o “corte” da preposição do termo relativizado (no caso, o complemento preposicionado de *direito*), resultando, assim, numa relativa cortadora.

Algumas investigações foram empreendidas acerca das estratégias de relativização, a exemplo do pioneiro trabalho de Mollica (1977), enriquecido e ampliado por Tarallo (1983), e de pesquisas mais recentes como as de Correa (1998), Varejão (2006), Bispo (2009) e Silva (2011). Entretanto, ainda há questões a serem tratadas, já que vários desses trabalhos analisam um aspecto ou outro do processo de relativização, em sua maioria numa perspectiva variacionista. Além disso, com exceção do trabalho de Tarallo (1983), não se tem notícia de outra investigação diacrônica acerca do processo de relativização. Desse modo, fica aberto o espaço para a discussão sobre essa temática. Nesse sentido, elenco algumas questões para as quais se devem buscar respostas. Vejamos: (i) a realidade encontrada por Tarallo (1983) quanto à implementação das estratégias não padrão no PB se confirma em outros *corpora* diacrônicos? (ii) o aumento da recorrência à construção cortadora, verificado em diversas pesquisas, representaria um processo de gramaticalização em andamento? (iii) que motivação(ões) de natureza pragmático-discursiva e/ou cognitiva estaria(m) envolvida(s) na escolha de uma ou outra forma de construção relativa?

Neste trabalho em particular, ocupo-me das questões (i) e (iii), perseguindo os seguintes objetivos básicos: (i) averiguar o momento aproximado de implementação das estratégias não padrão no PB; (ii) verificar a frequência de uso de cada uma delas em diferentes sincronias no PB; (iii) identificar motivações discursivo-pragmáticas e cognitivas para a recorrência às relativas não padrão. Tomo por hipótese que (i) o século XIX seja o período de maior expansão de ocorrências das cortadoras; (ii) a estratégia copiadora seja a menos recorrente por questões de estigmatização<sup>1</sup> ao passo que a relativa padrão seja a mais frequente e (iii) fatores de natureza sociointeracional (tais como nível de formalidade no uso da língua, maior ou menor proximidade entre interactantes e propósitos comunicativos diversos) e cognitiva (maior/menor custo de elaboração e/ou processamento) podem contribuir para a escolha de uma ou de outra estratégia de construção relativa.

Para a consecução deste trabalho, considero ocorrências de cada uma das estratégias anteriormente caracterizadas em três períodos históricos: séculos XVIII, XIX e XX. A amostra

<sup>1</sup> Tomo o termo de empréstimo da Sociolinguística. Para mais detalhes, ver Votre (2003) e Labov (1966).

aqui considerada constitui-se de textos impressos e manuscritos das seções do Rio de Janeiro e da Bahia do *corpus* mínimo do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB)<sup>2</sup>, representativos das três sincronias referidas.

## 1. Questões teóricas

Conforme mencionado na introdução, esta pesquisa orienta-se teoricamente pela perspectiva da LFCU, nos termos defendidos por Martelotta (2011), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013). Essa abordagem teórica representa desdobramentos de trabalhos empreendidos por funcionalistas norte-americanos, como Givón (1979, 1995, 2001), Thompson e Couper-Kuhlen (2005), Hopper (1987), Traugott (2011), Bybee (2010, 2011), Haiman (1985), Du Bois (2003), para citar alguns, e contribuições de investigações de semanticistas cognitivistas, tais como Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Langacker (1987), e psicolinguistas, como Taylor (1995) e Tomasello (1998), entre outros.

Segundo essa perspectiva teórica, há uma estreita relação entre a estrutura linguística e os usos que dela se fazem na interação social, de modo que a configuração morfossintática dos enunciados é fortemente motivada por fatores decorrentes da situação comunicativa. Ainda conforme essa abordagem, as categorias linguísticas são baseadas na experiência que temos das construções em que elas ocorrem, do mesmo modo que as categorias por meio das quais nós classificamos objetos da natureza e da cultura são baseadas na nossa experiência com o mundo. Todos os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas que também são mobilizadas em tarefas não linguísticas (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Assume-se, então, que a categorização conceptual e a categorização linguística são análogas, ou seja, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico seguem, essencialmente, os mesmos padrões (TAYLOR, 1998; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003). Sendo a categorização o processo cognitivo mais básico, por meio dela são estabelecidas as unidades da língua, seu significado e sua forma (BYBEE, 2010). De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e interacionais que desempenham um papel crucial na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua. Assim, a língua(gem) constitui um mosaico complexo de atividades comunicativas, cognitivas e sociais estreitamente integradas a outros aspectos da psicologia humana (TOMASELLO, 1998).

O princípio básico da LFCU consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011). A LFCU entende a aparente regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007). Busca, então, descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia, numa abordagem panocrônica (BYBEE, 2010).

Entre os processos, princípios e categorias analíticas da LFCU, faço uso dos princípios de iconicidade e de marcação. Conjugado a eles e em oposição ao primeiro, considero também a

<sup>2</sup> <https://sites.google.com/site/corporaphb/>

tendência em economizar esforço, referida por Zipf (1935, p. 29, *apud* HAIMAN, 1985, p.167) ao observar que “alta frequência é a causa de pequeno tamanho”, o que equivale a dizer que o que é familiar, nas línguas, recebe expressão reduzida. Assim, procuro correlacionar o uso das estratégias de relativização a motivações competidoras, as quais ora se voltam à maior clareza/expressividade, ora atendem a pressões de economia e objetividade.

Considero ainda o papel que têm as diferentes formas de organização textual na mobilização dos recursos linguísticos disponíveis para a estruturação do texto. Assumo com Marcuschi (2005, 2008) que os gêneros textuais e as sequências textuais em elaboração selecionam determinados recursos léxico-gramaticais para sua composição estrutural. Nesse sentido, o uso de diversas formas da língua, como é o caso das estratégias de relativização (canônicas ou não), pode relacionar-se à natureza do gênero textual em que figuram. Isso envolve, entre outros aspectos, diferentes graus de formalidade implicada na interação discursiva, distância social entre os interactantes, propósitos comunicativos múltiplos, diferentes práticas sociais. Além disso, é preciso atentar também para o fato de que os gêneros textuais envolvem relativa estabilidade, de forma que, em cada momento da história, apresentam propriedades composicionais, temáticas e estilísticas diferenciadas, dado que são sócio-historicamente condicionados.

## 2. Aspectos metodológicos

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter tanto qualitativo como quantitativo. Este último aspecto relaciona-se com a natureza mensurável dos dados levantados no *corpus*, os quais dão conta da realidade empírica do fenômeno investigado, de sua caracterização e de sua frequência de uso. Quanto à dimensão qualitativa, ela diz respeito ao viés explicativo deste trabalho, no sentido de elucidar motivações cognitivas, sociais, discursivas/pragmáticas implicadas na recorrência a uma ou a outra estratégia de construção relativa.

Os dados da análise desta investigação são provenientes do *corpus* mínimo do PHPB, ao qual esta pesquisa está vinculada, particularmente as seções Rio de Janeiro e Bahia. Os textos que constituem a amostra são exemplares dos seguintes gêneros textuais: cartas particulares (*corpus* manuscrito); cartas de leitor e cartas de redator (*corpus* impresso), produzidos em diferentes sincronias, a saber: séculos XVIII, XIX e XX. Essa variedade (textual e de sincronias) permite verificar fatores de natureza discursivo-interacional e cognitiva envolvidos no uso das orações relativas, bem como identificar possíveis mudanças quanto à recorrência às diferentes estratégias de relativização.

Para a composição da amostra, considerei a distribuição do volume textual disponível na página virtual do PHPB para cada uma das sincronias em que se distribuem os textos (1ª e 2ª metades de cada um dos séculos). Em termos quantitativos, isso significou um universo variável em número de textos por etapa, uma vez que há períodos com grande quantidade de exemplares, como é o caso do século XIX, e outros com número bastante reduzido (realidade do século XVIII e segunda metade do século XX). Dada a oscilação no quantitativo de textos de cada sincronia, não foi possível equacionar o volume de material linguístico, motivo pelo qual pondero os resultados percentuais que obtive e me ateno, particularmente, à dimensão qualitativa dos dados.

### 3. Orações relativas em diferentes sincronias

Nesta seção, apresento e analiso resultados do levantamento de dados a que procedi na amostra considerada. Os quantitativos foram organizados, levando-se em conta a ocorrência das diferentes estratégias de relativização (padrão, cortadora e copiadora) em ambiente preposicionado. Além disso, considere as distintas sincronias e a separação em textos manuscritos e impressos, conforme organização no *corpus* pesquisado.

Exponho primeiramente os dados relativos aos textos manuscritos (cartas particulares) para, em seguida, trazer os resultados referentes aos impressos (cartas de leitores e cartas do redator). Os quantitativos são acompanhados de discussões acerca dos usos das estratégias de relativização num viés eminentemente qualitativo.

Nas cartas particulares do *corpus* analisado, os dados mostram a predominância da estratégia padrão até a primeira metade do século XX, e um crescente aumento da cortadora, com percentuais de 4,6% e 8,0% na primeira e segunda metades do século XIX, respectivamente; e de 35,4% e 60%, nessa ordem, para as duas sincronias do século XX. É preciso frisar, contudo, o pequeno volume textual, em nosso *corpus*, referente à segunda metade do século XX, o que acarretou um número muito baixo de ocorrências de relativas em ambiente preposicionado (apenas 5). Não houve casos de copiadora com o relativo em função preposicionada. Quanto ao século XVIII, foi encontrada apenas uma ocorrência de relativa em ambiente preposicionado. A Tabela 1<sup>3</sup> especifica esses quantitativos.

Período Estratégia	1801-1850		1851-1900		1901-1950		1951-2000	
	N	%	N	%	N	%	N	%
RPP <sup>4</sup>	42	95,4	230	92,0	148	64,6	2	40,0
Cortadora	2	4,6	20	8,0	81	35,4	3	60,0
Copiadora	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	44	100,0	250	100,0	229	100,0	5	100,0

**Tabela 1:** Distribuição das estratégias de relativização, em ambiente preposicionado, em função do tempo, em textos manuscritos, *corpus* PHPB.

Quanto aos textos impressos, a amostra com que trabalhei apresentou quadro distinto: uma pequena queda da relativa cortadora entre a primeira e a segunda metades do século XIX (de 5,9% para 4,5%) e uma redução expressiva dessa estratégia entre a primeira e a segunda metades do século XX (de 9,5% para 1,5%). Da segunda metade do século XIX para a primeira metade do

<sup>3</sup> Dada a única ocorrência de relativa em ambiente preposicionado no século XVIII, optei por não contabilizá-la na tabulação dos dados.

<sup>4</sup> Relativa padrão preposicionada.

século XX, o percentual da cortadora mais que dobrou (passou de 4,5% para 9,5%). Novamente, não foi registrada ocorrência da copiadora. Na Tabela 2<sup>5</sup>, é possível visualizar esses dados de forma discriminada.

Período Estratégia	1801-1850		1851-1900		1901-1950		1951-2000	
	N	%	N	%	N	%	N	%
RPP	64	94,1	192	95,5	67	90,5	66	98,5
Cortadora	4	5,9	9	4,5	4	9,5	1	1,5
Copiadora	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	68	100,0	191	100,0	71	100,0	67	100,0

**Tabela 2:** Distribuição das estratégias de relativização, em ambiente preposicionado, em função do tempo, em textos impressos, *corpus* PHPB.

Considerando os quantitativos expostos na Tabela 1, podemos observar que houve, nos textos manuscritos pesquisados, um aumento da cortadora, a qual chega a responder por mais de 30% dos casos das relativas em ambiente preposicionado na primeira metade do século XX. Essa realidade confirma, em certa medida, os achados de Tarallo (1983) com relação ao *corpus* diacrônico por ele investigado. Quanto aos resultados demonstrados na Tabela 2, entretanto, notamos uma oscilação na frequência dessa estratégia de relativização em termos de redução e aumento de frequência de uso, de modo que seu maior índice percentual não atingiu 10%.

Essa diferença nos percentuais presentes nas duas tabelas parece relacionar-se à natureza dos gêneros textuais da amostra analisada: maior/menor formalidade, maior/menor proximidade entre os interactantes, meio/ambiente de circulação dos textos, propósitos comunicativos, entre outros. Além disso, é necessário ponderar os quantitativos em função da extensão do *corpus* considerado, particularmente devido à oscilação do total de relativas em ambiente preposicionado em cada sincronia.

Com relação à natureza dos textos considerados para análise, os manuscritos, representados por cartas particulares, constituem correspondências trocadas entre familiares, sobretudo pais e filhos, e algumas entre namorados/ noivos. Nesses textos, é possível verificar um menor monitoramento quanto ao uso da língua, devido à maior proximidade social entre os correspondentes, ao menor grau de formalidade envolvida na situação comunicativa, e ao conteúdo proposicional das cartas (estados de espírito, condições de saúde, trocas de carinho/afeto, favores e pequenos serviços) e à circulação no âmbito privado. As ocorrências em (5) e (6) ilustram essa situação.

<sup>5</sup> Não há textos impressos referentes ao século XVIII.

- (5) [...] hoje fui ao cartorio do Gilberto onde encontrei-/me com o *Doutor* [Gomensoro], e elle mostrou-me a petição **que o juiz não podia dar outro despacho**, de acordo com o que manda a lei. (PHPB/Laborhistórico – Século XX – Rio de Janeiro – Cartas particulares, Carta 8)
- (6) Ontem, quando me deitei para dormir, fiquei ouvindo até tarde o “cha dansante da “Excelsior”. Que martirio, velhinho! Todas as musicas **que nós gostamos** e outras que estão bem ligadas a nós dois, me fizeram sofrer. (Carta 27/03/1950)

O excerto em (5) representa trecho de uma carta enviada por um pai a seu filho na qual ele tratava de negócios relativos a imóveis da família. Em (6), a passagem foi extraída de uma das correspondências trocadas entre um casal de namorados. Essa proximidade social entre os correspondentes e o conteúdo de cunho mais pessoal de que tratam permitem que os escreventes recorram a estruturas linguísticas menos formais. Daí o uso da cortadora.

Quanto aos textos impressos, há neles um maior monitoramento no uso da língua em virtude de fatores de natureza discursivo-pragmática: maior distância social entre os interactantes (envolvendo, muitas vezes, relações assimétricas), maior grau de formalidade implicada nos padrões discursivos tomados para amostra (cartas de leitor e do redator), conteúdo proposicional voltado à manifestação de opinião acerca de determinado tema (geralmente alvo de polêmica), propósito comunicativo de ganhar a adesão do interlocutor, de persuadi-lo, além do escopo de circulação da esfera pública. Disso resulta um maior cuidado (controle) no uso de construções da língua, de forma a atender às convenções da escrita formal. Em (7), que representa trecho de uma carta de redator, é possível observar essa realidade retratada, por meio do atendimento à regência (**atenção á**, emprego da RPP), à concordância nominal (**estas posturas... tomal-as... approval-as; as modificações... convenientes**), ao uso de clíticos em função objetiva (**estas posturas... tomal-as... approval-as**).

- (7) No Rio de janeiro e em todas as ci- | dades civilisadas, esse antigo costume | do machado está banido dos açougues; | a serra separa os ossos e a faca as car- | nes: ha assim muito mais facilidade no | trabalho e aproveita se a carne em toda | sua frescura e sabor.|| A Assembleia Provincial, **a cujo co- | nhecimento estão submettidas estas pos- | turas**, em atenção á sua importancia, | deve quanto antes tomal-as em conside- | ração e approval-as taes e quaes ou com | as modificações, que entender conve- | nientes. (Cartas de redator, século XIX, Carta 61)

De qualquer modo, é preciso destacar que, excetuando-se a realidade da segunda metade do século XX para as cartas particulares, tanto no *corpus* manuscrito quanto no impresso predominou a RPP. Isso se deve, sobretudo, a questões sociointeracionais: os textos considerados (cartas particulares, de leitor e de redator) envolvem certa formalidade em função da modalidade (escrita, no caso); há tratamento cerimonioso entre os correspondentes (no caso das cartas particulares), sobretudo quando se envolve relação assimétrica (pai/filho, cidadão comum/ocupante de cargo em instituição pública, por exemplo); o conteúdo volta-se sobremaneira ao âmbito do trabalho e a temas de interesse público, no caso de cartas de leitor e de redator; o meio de circulação, no caso dos impressos, é da esfera pública. Veja-se, como ilustração, o que se dá em (8).

- (8) Bem persuadido da franqueza, **com que Vossa Senhoria me pro-/metteo seu valimento e protecção** / em razão da amizade com o Senhor Coronel Martim Francisco / certificando-me ain-/dana ultima noite, **emque tive ahonra de receber as suas ordens**; que sepor ventura eu achasse algum obsta-/culo, ou

dilação *naminha* pertença, não tivesse duvida em participar a *Vossa Senhoria* que me faria obenefício de escre-/ver a meu favor para a Corte: [...] (PHPB – Século XIX – Cartas particulares)

Podemos observar um tratamento cerimonioso dispensado por parte do escrevente (note-se o emprego de “Vossa Senhoria” em referência ao destinatário, a cordialidade e cortesia em “tive a honra de receber as suas ordens”), provavelmente em função das convenções sociais e das relações interpessoais do momento sócio-histórico em que o texto foi produzido (1ª metade do século XIX) e da assimetria entre os correspondentes (o remente depende de um benefício que pode ser concedido pelo destinatário: “**seu valimento e proteção**”). Tudo isso acaba por favorecer o uso de construções mais formais, como é o caso das relativas destacadas, embora se trate de uma carta particular. Também concorre para a ocorrência da RPP o fato de o conteúdo relacionar-se a negócios (ainda que favores pessoais).

#### 4. Dimensões pragmático-discursivas e cognitivas do uso das relativas

Discuto, nesta seção, questões mais estritamente qualitativas referentes ao uso das relativas em ambiente preposicionado. Primeiro, retomo aspectos tratados na seção anterior, particularmente as especificidades pragmático-discursivas dos textos considerados na amostra (cartas particulares, cartas do leitor e cartas do redator). Em seguida, abordo aspectos cognitivos implicados na recorrência às estratégias de relativização.

Conforme tratei anteriormente, alguns fatores sociointeracionais contribuem para o uso mais monitorado da língua, o que implica a opção por estruturas e construções mais formais, como é o caso da RPP. Dentre os elementos favorecedores, destaquei a modalidade de língua utilizada (escrita), as condições de produção dos textos analisados, em termos de conteúdo temático (demandas sociais, problemas de corrupção, desrespeito aos direitos do cidadão, entre outros, no caso das cartas do leitor e do redator), propósitos comunicativos (advertir à população sobre questões sociais, sustentar determinado ponto de vista e ganhar adesão do leitor), estilo (língua mais cuidada, em virtude da distância social entre os interactantes e dos propósitos almejados), esfera de circulação (âmbito público, para os textos impressos), práticas sociais engendradas (advertência, denúncia, reivindicações etc.), relações sociais do momento histórico-cultural em que foram produzidos, envolvendo, por exemplo, tratamento cerimonioso, mesmo entre familiares (no caso das cartas particulares).

De outro modo, também fatores discursivo-pragmáticos podem explicar o aumento, no caso das cartas particulares, da estratégia cortadora (conforme Tabela 1), dadas as diferenças em relação às cartas de leitor e de redator. Entre essas diferenças, elenco: maior proximidade social entre os correspondentes; maior compartilhamento de conhecimentos/ informações e vivências; propósitos comunicativos mais pessoais e voltados à indagação e/ou à manifestação de estados de espírito, condição de saúde, afetividade, pedidos; estilo menos formal; circulação do texto na esfera particular. Veja-se (9), a título de ilustração, que traz uma correspondência trocada entre mãe e filho.

(9) Meu querido filho

De posse de sua carta que aqui chegou hontem as 6 horas, agora respondo. Fiquei contente de saber que voces estao de saude, e que vem no sabbado ou Domingo. (...)

As notícias que voce tem tido pelo Beбето, não sabemos como elle as dá, pois é creatura que não vejo, há  *muito* tempo.

Fico a espera das gallinhas, o galinheiro que estava atravancado com umas taboas e cousas velhas, seu pai já preparou para ellas. (...)

O tempo aqui tem estado  *muito* ruim, chuva de invernada, e  *muito* frio. Recebi cartas de São Paulo, estão 40 todos bons. Na carta de seu pai, mandei te pedir para trazer-me um vidro de oleo, é tudo  **que preciso**.

Sem mais esperando ver voces aqui no domingo peço aceitar  *muitas* saudades e beijos da mai  *muito* amiga

Helena

(PHPB – Século XX – Cartas particulares)

É possível observar, na carta transcrita, uma maior proximidade entre os correspondentes, já indicada no vocativo, tanto pelo uso do adjetivo (querido) quanto pelo possessivo de primeira pessoa (meu), além da informação quanto ao parentesco (filho). No corpo da carta, também verificamos que os interlocutores compartilham informações/ conhecimentos: veja-se a referência a pessoas (Bebeto, seu pai), à vinda do destinatário numa data conhecida (**sabbado ou Domingo**), a assuntos cotidianos (estado do galinheiro, pedido de produto de uso pessoal, como o **vidro de oleo**). O conteúdo da carta também revela essa proximidade social, uma vez que são tratadas questões de foro pessoal, íntimo, familiar (estado de saúde dos correspondentes, aspectos relativos à vida privada, expressão de afeto e de estados de espírito). Tudo isso favorece o uso menos formal da língua, com a recorrência a estruturas não canônicas, como é o caso da relativa cortadora em destaque na carta.

Além disso, segundo discutido em Bispo (2009), aspectos cognitivos desempenham importante papel na recorrência a estratégias não canônicas. Trata-se de questões relacionadas a menor facilidade/ tempo de elaboração e de processamento e demanda de atenção, o que resulta em redução de custo cognitivo. Para melhor entendimento, observemos a relativa destacada em (10) e sua correlata padrão em (10a).

(10) Para você não pensar que eu minto, envio anexo a “carta que não deixei você ler”, datada de 25 de Janeiro. Ou melhor, “a carta que você só leu a metade”. Nela você encontrará o 1º lampejo, o 1º sinal do meu amor por você. Certeza dele, porem, só tive quando sofri o choque  **que me referi linhas acima**. Então, compreendi: se foi choque é  *que* você significava muito para mim. (Carta 30/09/49)

(10a) [...]Nela você encontrará o 1º lampejo, o 1º sinal do meu amor por você. Certeza dele, porem, só tive quando sofri o choque  **a que me referi linhas acima**. [...]

É possível notar, claramente, que a relativa assinalada em (10a) é mais complexa estruturalmente que a destacada em (10), pois envolve um elemento  *a* mais (a preposição  **a**). Isso corresponde a uma maior complexidade cognitiva, no sentido de demandar, pelo menos, mais atenção e mais tempo na codificação e no processamento. Outro fator que concorre para a complexidade cognitiva da estratégia padrão tem a ver com a alteração na ordem linear na oração relativa (de SVO para OSV), o que implica a mudança na posição da preposição regida pelo verbo (no caso de (10a)) ou por um nome e um maior custo cognitivo em termos (i) de selecionar o verbo ou nome a ser empregado na oração relativa, (ii) identificar a regência desse verbo (se requer ou não requer preposição), (iii) determinar qual preposição será utilizada.

Da perspectiva do princípio de marcação, isso implica que a RPP em (10a) é uma estrutura marcada (nos termos givonianos) em oposição à relativa ilustrada em (10), visto que é mais complexa estrutural e cognitivamente. Quanto à iconicidade, a mudança da ordenação linear na oração relativa contraria o subprincípio da integração, segundo o qual os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática. Assim, no caso de (10a), o distanciamento entre o verbo (**referir-se**) e seu complemento (**que**), dada a anteposição deste, resulta em maior opacidade na relação entre eles, ocasionando o não uso da preposição antes do relativo (conforme se dá em (10)).

Acrescento ainda que a recorrência a relativas cortadoras em vez das canônicas correspondentes atende ao princípio de economia, nos termos de Zipf (1935). Do ponto de vista comunicativo, isso corresponde a um ganho de maior praticidade, com recurso a estratégias menos pesadas, mais fáceis de codificar e de compreender.

Uma vez que a dinâmica da gramática de uma língua natural está sujeita a pressões competidoras, oscilando entre motivações que ora concorrem para maior clareza, expressividade, ora atendem a necessidades de praticidade e economia, é possível entender a recorrência às estratégias de relativização correlacionando-as tanto às pressões discursivas já explicitadas (para o uso da relativa padrão, por exemplo), quanto às demandas de redução de esforço cognitivo (para a opção pela cortadora). Isso equilibra o sistema de perdas e ganhos, conforme referido por Givón (1979).

Por fim, cabe reiterar que a não ocorrência da copiadora nos contextos considerados e na amostra utilizada deve-se, provavelmente, ao fato de ela ser a estratégia sujeita à estigmatização. Dadas as pressões por maior formalidade do texto escrito, conforme já detalhado, ou pelo atendimento a necessidades de praticidade e economia, o usuário acaba por encontrar equilíbrio com o uso de uma estrutura que, se por um lado, não atende ao padrão formal escrito, por outro, não é alvo de tanto preconceito, recorrendo, assim, à cortadora.

## Considerações finais

Tomando por base o estudo da língua em situação real de interação verbal, procedi à investigação das estratégias de relativização no PB em perspectiva histórica, à luz da LFCU. Busquei verificar o momento aproximado de implementação das relativas não canônicas bem como a frequência de uso de cada uma das ocorrências e identificar motivações cognitivas e pragmático-discursivas implicadas na recorrência às estratégias de construção relativa.

Quanto ao primeiro objetivo perseguido, constatei a recorrência da estratégia cortadora desde a primeira metade do século XIX, com um percentual em torno dos 5%, o que corrobora a pesquisa feita por Tarallo (1983). Contudo, não foi possível verificar o uso das relativas não padrão em fase anterior (século XVIII) em virtude da escassez de dados, conforme já explicitado. Além disso, não identifiquei uso da copiadora (em ambiente preposicionado) no *corpus* investigado, provavelmente dada a natureza dos gêneros textuais envolvidos e as práticas discursivas por eles engendradas, as quais implicavam maior monitoramento no uso da língua.

A frequência de uso atestada demonstra um aumento gradativo na recorrência à cortadora (pelo menos nos textos manuscritos), de modo que o maior percentual dessa estratégia foi verificado no século XX, tanto nos textos impressos quanto nos manuscritos. Essa constatação não confirma a primeira hipótese deste trabalho e difere um pouco da pesquisa de Tarallo (1983),

segundo a qual, já na segunda metade do século XIX, a cortadora supera a estratégia canônica. Essa diferença pode também estar relacionada à especificidade dos textos que compõem a amostra considerada para este trabalho.

Quanto ao segundo objetivo, pude identificar motivações tanto de natureza sociointeracional (tais como modalidade da língua, maior/ menor distância social entre interactantes, práticas sociais engendradas, propósitos comunicativos implicados, entre outros) quanto de ordem cognitiva, sobretudo em termos de redução/economia de esforço, praticidade e rapidez de elaboração/ processamento. Nesse caso, confirma-se a segunda hipótese que tomei para este estudo.

Por fim, reitero que os achados aqui explicitados têm caráter eminentemente qualitativo e evidenciam a natureza dinâmica da língua no sentido de que corroboram, com dados empíricos, que o emprego de construções linguísticas (canônicas ou não) está intimamente relacionado às funções semântico-pragmáticas a que serve nas mais diversas situações intercomunicativas bem como a demandas de natureza cognitiva.

### **Relative clauses in historical perspective: interface use and cognition**

ABSTRACT: In this paper, I analyze the relativization strategies (standard, chopping and resumptive) employed in a diachronic *corpus* of Brazilian Portuguese, adopting the Functional Linguistics perspective. I observe the frequency of use of each relativization strategy in relation to different synchronic periods, in order to identify reasons for the use of one of the strategies. By considering both a qualitative and a quantitative approach, I have verified both cognitive/semantic and discourse/pragmatic motivations for the use of relative strategies.

Key-words: relative clauses; Functional Linguistics; social, interactional and cognitive motivations.

### **REFERÊNCIAS**

BARBOSA, A.; LOPES, C. R. *et alii*. *Corpus diacrônico do Rio de Janeiro: cartas de redator – séculos XIX-XX*. Rio de Janeiro, UFRJ/PIBIC-CNPq/ *Labor-Histórico*, 2003 (versão eletrônica).

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BISPO, E. B. Estratégias de relativização em perspectiva histórica: uma abordagem funcional. In: ANDRADE, M. L. de C. V. de O.; RAUBER, A. L. *Congresso Internacional de Linguística Histórica, 2*, São Paulo: USP, 2012, p. 239-243.

\_\_\_\_\_. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 164f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), UFRN, Natal-RN, 2009.

\_\_\_\_\_. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. *Linguagem & Ensino*, 10, 163-186, Pelotas-RS: UCPel, 2007.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

\_\_\_\_\_. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CORREA, V. R. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 167f. Tese (Doutorado em Linguística), IEL/UNICAMP, Campinas-SP, 1998.

DU BOIS, J. W. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ: LEA, 2003b. p. 47-87.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso e Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_.; TAVARES, M. A. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA et al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro/ Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad, 2013, p. 13-36.

GIVÓN, T. *Sintaxe: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GRANDA, A. S. *Cartas de amor na Bahia do século XX: normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar*. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador-BA, 2010.

HAIMAN, J. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. v. 13, 1987. p. 139-157.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: UCP, 1987.

\_\_\_\_\_. JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. GEIM. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Col. As Faces da Linguística Aplicada).

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1.: Theoretical prerequisites. Stanford: SUP, 1987.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, M. C. de M. *O estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1977.

OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*, <http://www.discursioegramatica.letas.ufrj.br>, 20/01/2013.

SILVA, B. G. S. G. *As estratégias de relativização na escrita de portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII*. 207f. Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, P. F.; LOPES, C. (eds.). *Cartas particulares*. PHPB/Laboratório, Século XX, Rio de Janeiro. Carta 8, Rio de Janeiro: UFRJ.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, Ph. D. dissertation, 1983.

TAYLOR, J. R. Syntactic construction as prototype categories. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

\_\_\_\_\_. *Linguistic categorization*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

THOMPSON, S. A.; COUPER-KUHLEN, E. The clause as a locus of grammar and interaction. *Discourse Studies*, v. 7, p. 481-506, 2005.

TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure* New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanisms of change. In: In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: OUP, 2011, p. 19-30.

VAREJÃO, F. O. A. *Variação das estratégias de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. 187f. Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-57.

ZIPF, G. K. *The psychobiology of language: an introduction to dynamic philology*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1935.

Data de envio: 02/09/2013

Data de aceite: 04/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014